



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação Ambiental

Sinop, v. 12, n. 2 (31. ed.), p. 533-537, ago./dez. 2021

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

SEÇÃO ENTREVISTA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ROSEMARY MATIAS

A edição da Revista Eventos Pedagógicos, tem como temática a Educação Ambiental. Os objetivos da entrevista oportunizam refletir as ações que envolvem as diferentes áreas do conhecimento no campo da pesquisa, entrelaçadas com a educação ambiental. O convite para que a professora Dra. Rosemary Matias concedesse essa entrevista, se deu pelo vasto conhecimento que possui nas questões ambientais e sua experiência com a graduação e pós graduação.

A professora é graduada em Licenciatura Plena em Química pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com mestrado e doutorado em Química pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). É Professora adjunta I da Universidade UNIDERP/MS, e pesquisadora na área de Produtos Naturais, atuando em cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Química Ambiental e de Saúde.

Agradeço a honrosa dedicação da Profa. Dra. Rosemary Matias em dispor de seu tempo e prontamente atender ao convite e compartilhar de seus saberes para o enriquecimento desta edição da Revista Eventos Pedagógicos.

Edneuzza Alves Trugillo

1 – Edneuzza Alves Trugillo: Professora Rose, nos cursos de pós-graduação, como e quais ações de políticas públicas e formação em Educação Ambiental os programas vêm desenvolvendo no campo da pesquisa?

Rosemary Matias: Eu posso dizer que mudei muito a forma de pensar, porque eu era muito mais acadêmica do que pesquisadora. Existe o pesquisador que é estritamente acadêmico e que não consegue trabalhar com projeto de extensão. Eu

achava que eu não tinha o perfil em desenvolver atividades de extensão, eu achava muito mais difícil, porque o tempo que ficamos para fazer isso é muito maior do que trabalhar com os acadêmicos, e atender a comunidade é muito mais difícil. Precisamos sair dos muros da universidade. Eu trabalho com prospecção, com a etnobotânica, farmacologia, e digo pelo meu curso de formação em química, que nos preparava para academia e não para trabalhar como empreendedores. Atualmente, a Capes coloca que o mestre não especificamente tem que estar dentro do Ensino Fundamental ou Médio, ou mesmo dentro da academia. Precisa estar preparado para o mercado de trabalho. O doutor, sim, tem que estar na academia como pesquisador. Até mesmo dentro de empresa, ele tem que ser esse pesquisador do profissional com mestrado. A professora desenvolve parcerias com a universidade e a instituição Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), no trabalho com as plantas medicinais e hortaliças não convencionais, que são aquelas hortaliças que eram utilizadas pela população e que acabou se perdendo esse costume. Contamos, nesse projeto, com a participação dos acadêmicos do curso de Nutrição, do curso de Farmácia e Agronomia, justamente porque se trabalha a questão ambiental e a importância dessas plantas para a comunidade.

2 – Edneuzza Alves Trugillo: Em relação aos cursos que está atuando atualmente, tanto na graduação como na pós-graduação, quais são os que você está atuando?

Rosemary Matias: Basicamente, eu trabalho nos cursos de Farmácia, Agronomia e Biomedicina, e na pós-graduação *stricto sensu*, no Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, nas disciplinas de Fundamentos de Ciência da Natureza, Impactos Ambientais e a disciplina de Prospecção de Produtos Naturais.

3 – Edneuzza Alves Trugillo: Nos cursos de pós-graduação, como e quais ações de políticas públicas e formação em Educação Ambiental os programas vêm desenvolvendo no campo da pesquisa?

Rosemary Matias: Pensando na questão ambiental, que é o eixo do Programa que atuo, lembramos que está muito mais claro atualmente. O programa faz parte de uma área da Capes que é Ciências Ambientais, que não é uma área biológica, é uma área que tem como centro o homem, o homem à sociedade e as suas relações

com o ambiente e as suas relações políticas, sociais, econômicas e ambientais. Temos como exemplo o teu trabalho de pesquisa, atuando com um estudo histórico, onde o homem entrou naquele ambiente e quais os impactos ambientais que ele gerou. Então, temos trabalhado muito isso, não só na disciplina onde se trabalha especificamente essa vertente, mas sempre tentando fazer essa relação até mesmo na parte química. Se você tem um problema, vamos colocar aí, tem a queimada... a queimada estará impactando no ambiente, nas plantas, nos animais, ela está impactando também naquele profissional que atua ali no combate [...], gerando toda a poluição. Ocorreram muitas mudanças, o Programa tem passado por uma evolução, surgindo das disciplinas, temos projetos de dissertações e teses saindo dos muros das universidades.

4 – Edneuzza Alves Trugillo: Quais são as principais questões que a comunidade acadêmica, tem apresentado em suas pesquisas, como problemas ambientais? E que soluções são apontadas?

Rosemary Matias: Dentro da disciplina de prospecção de produtos naturais, que é a única que é do meu doutorado e do mestrado, eu trabalhava muito em laboratório. Hoje, fazendo várias palestras, a pandemia possibilitou esse contato também com a comunidade. [...]. Isso possibilitou fazer seminários com pesquisadores de outros países. Com o sistema *online*, possibilitou trazer pessoas de fora. Por exemplo, falar de impacto ambiental, dá a impressão de que está acontecendo apenas no Brasil, quando se fala que o Brasil é um dos países que mais tem problemas com agrotóxicos. E, quando se traz uma realidade, por exemplo, de que o Japão, se formos pensar em termos demográficos, usam tão quanto agrotóxicos, ou até a mais, mas as pessoas não divulgam, a mídia não divulga. O programa tem uma outra característica, deixou de ter a forma engessada, pois os alunos tem uma visão mais ampla da pesquisa e das questões ambientais. Atualmente, temos um médico no Programa de Pós-graduação, que pesquisa justamente a questão da respiração para os bombeiros que atuam nas queimadas. Então, é um problema ambiental. Esse médico fez curso de especialização fora do Brasil e adquiriu um equipamento para medir o monóxido de carbono e dióxido de carbono, é um problema ambiental, com um grupo de pessoas da sociedade que atua em prol da sociedade e que, de repente, a própria sociedade não está vendo os problemas que eles podem ter

futuramente. Não podemos olhar o ambiente como uma forma separada, não importa que você esteja atuando na Pedagogia, não importa se é na Geografia, que na Letras, que tudo isso está relacionado com o nosso ambiente!

5 – Edneuzza Alves Trugillo: Ao longo das últimas décadas, a educação ambiental (EA) tem sido desenvolvida por diversos profissionais e em diversos contextos, objetivando sensibilizar as pessoas para uma mudança em relação ao meio ambiente.

Rosemary Matias: Nós estudamos conteúdos que não tem nada a ver com a nossa realidade, mas tivemos histórias trabalhadas por meio de cartilhas, que não estão em nosso contexto. Estamos formando pessoas para o mercado de trabalho e que serão profissionais que vão atuar em escolas. Temos que promover mudanças, são novos paradigmas, e se a pedagoga cursar o mestrado e doutorado em Ciências Ambientais, tornar-se uma profissional melhor na área pedagógica, pois terá uma visão ampla de mundo. Ter, no curso de Pedagogia, o conjunto de diferentes áreas que vem colaborar com a formação do profissional.

6 – Edneuzza Alves Trugillo: Como pesquisadora e exercício da profissão docente, quais desafios tem encontrado no que se refere às ações ambientais?

Rosemary Matias: Vejo como maior desafio, realmente, é conseguir chegar até as mudanças. Temos isso como propósito, estamos com várias propostas de trabalho de pesquisa que podem atuar mesmo em mudanças de políticas públicas. Uma das pesquisas realizadas por uma pós-graduanda foi o levantamento de número de causas que são aplicadas frente aos problemas ambientais, e o que ocorre é que uma empresa, falo uma empresa porque hoje a agricultura é uma empresa agrícola. As grandes empresas, não importa que seja uma empresa agrícola ou da construção civil, uma empresa, por exemplo, de transporte rodoviário, ferroviário ou hidroviário, como temos aqui em Mato Grosso do Sul, e a parte turística, e assim como outros locais, acabam sendo multadas, e essas multas acabam muitas vezes não ocorrendo, muitas vezes elas são quebradas. Há a necessidade realmente de entendimento da parte jurídica que o ambiente é de todos. Esse é o maior desafio, nosso: que aquilo que se está produzindo de ciência possa fazer com que ocorra mudanças nas políticas públicas. Temos um trabalho aqui que, de repente, vocês

possam aí mudar. Estamos vendo para a parte dos municípios. Quer ver uma grande poluição? Todo município, seja escola municipal, principalmente do ensino fundamental e das escolas privadas, o que mais vemos utilizado? E.V.A! E.V.A é poluição! Essa é uma das mudanças, acho que será uma das primeiras que vamos conseguir realmente mudar, que está mais próxima. Isso, no município, é mais fácil para realmente mudar. O professor pode voltar a usar cartolina, porque não? Se conseguir que ocorra dentro do próprio aporte de legislação municipal, de que está proibido o uso de E.V.A nas escolas, e que é possível usar outros materiais alternativos [...]. O maior desafio nosso, realmente, é que ocorra as mudanças das políticas públicas. A legislação brasileira é muito melhor do que a de muitos países desenvolvidos, mas também há um grande problema que é aplicar corretamente a legislação. São esses dois desafios: a questão de conscientização de quem aplica isso e mudanças de políticas públicas. Mudanças que estão muito perto de nós. Mas o que o E.V.A tem a ver com a pós-graduação de mestrado e doutorado? Muito! Pois estamos trabalhando com os impactos ambientais.

Correspondência:

Rosemary Matias. Licenciada em Química pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestre e Doutora em Química pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora adjunta I da Universidade Anhanguera-Uniderp (UNIDERP), Campus Agrárias, Campo Grande/MS, no Curso de Pós-Graduação nas áreas de Química Ambiental e de Saúde. Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Estudo de produtos do Cerrado no processo de reparação tecidual em feridas infectadas por *Staphylococcus aureus*: do saber popular ao potencial farmacológico”. Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ-2, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: rosematias@educadores.net.br.

Edneuzza Alves Trugillo. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Mestre em Ciências Ambientais (UNEMAT), Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (UNIDERP). Professora da UNEMAT, Campus de Sinop, na Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), no Curso de Pedagogia. Integrante dos Grupos de Pesquisa Antroposfera e Educação Científico-Tecnológica e Cidadania. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Escola Verde: estudo sobre política e formação em Educação Ambiental. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: edneuzza.trugillo@unemat.br.

Recebido em: 20 de novembro de 2021.

Aprovado em: 30 de novembro de 2021.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4534/3080>